

## GEOMORFOTOPÔNIMOS HISTÓRICOS: OS MORROS NA TOPONÍMIA DE MINAS GERAIS

Marianna de Franco Gomes (UFMG)  
[mariannafranco.letras@gmail.com](mailto:mariannafranco.letras@gmail.com)

### RESUMO

Este trabalho corresponde ao recorte da Dissertação intitulada “Geomorfotopônimos históricos”, defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2019. Partindo da Onomástica, em especial, a Toponímia, o trabalho objetivou estudar os geomorfotopônimos históricos de Minas Gerais: nomes de lugares que apresentam como fator motivacional aspectos relacionados ao relevo (DICK, 1990b, p. 31-4). Desse modo, o *corpus* toponímico do trabalho foi constituído por 101 geomorfotopônimos coletados em 15 mapas históricos de Minas Gerais que foram produzidos nos Setecentos e Oitocentos Colonial e Joanino, utilizando-se Santos, Seabra e Costa (2017) como fonte de informações. Os objetos de estudo foram organizados em fichas lexicográficas – procedimento metodológico proposto por Dick (1990b, p. 31-4), e analisados quantitativa e qualitativamente. Dessa forma, verificou-se, entre outros resultados, maior predominância de topônimos formados pelo designativo geográfico “morro”, que correspondeu a 30 ocorrências. Por meio dos pressupostos teóricos de Dick (1990 a, b) e Seabra (2004; 2006), sobre a motivação toponímica, notou-se estreita relação entre os topônimos estudados e o ambiente nomeado: a presença dos “morros” é verossímil ao contexto em que os mapas utilizados para realizar a pesquisa foram produzidos, caracterizado pelo interesse em conhecer e povoar o território mineiro. Dessarte, a proposta deste trabalho é apresentar a presença dos traços topográficos associados ao relevo, em particular, compostos pelo termo “morro”, na nomeação de lugares em Minas Gerais, nos Setecentos e Oitocentos Colonial e Joanino, e contar um pouco sobre a história de Minas Gerais por meio da toponímia.

### Palavras-chave:

Geomorfotopônimos históricos. Léxico toponímico. Minas Gerais

### RESUMEN

Este trabajo corresponde al recorte de la Disertación titulada “Geomorfotopônimos históricos”, defendida en la Facultad de Artes de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), en 2019. A partir de la Onomástica, en particular la Toponímia, el trabajo tuvo como objetivo estudiar la historia geomorfotopônimos de Minas Gerais General: nombres de lugares que tienen aspectos relacionados con el relieve como factor motivacional (DICK, 1990b, p. 31-4). Así, el *corpus* toponímico del trabajo estuvo conformado por 101 geomorfotopônimos recolectados de 15 mapas históricos de Minas Gerais que fueron elaborados en los siglos XVIII y XVIII Colonial y Joanino, utilizando como fuente de información a Santos, Seabra y Costa (2017). Los objetos de estudio fueron organizados en formas lexicográficas – procedimiento metodológico propuesto por Dick (1990b, p. 31-4), y analizados cuantitativa y cualitativamente. Así, se verificó, entre otros resultados, un mayor predominio de topónimos formados por la denominación geográfica “cerro”, que correspondió a 30 ocurrencias. A través de los supuestos teóricos de Dick (1990 a, b) y Seabra (2004; 2006), sobre la motivación

toponímica, se notó una estrecha relación entre los topónimos estudiados y el ambiente nombrado: la presencia de los “cerros” es creíble al contexto en el que se elaboraron los mapas utilizados para realizar la investigación, caracterizados por el interés por conocer y poblar el territorio de Minas Gerais. Así, el propósito de este trabajo es presentar la presencia de rasgos topográficos asociados al relieve, en particular, compuesto por el término “montaña”, en la denominación de lugares en Minas Gerais, en los siglos XVIII y XVIII Colonial y Joanino, y contar un poco sobre la historia de Minas Gerais a través de la toponimia.

**Palabras clave:**

**Geomorphotonyms históricos. Léxico toponímico. Minas Gerais**

### **1. Introdução**

O ato de nomear é uma característica humana, tendo em vista que o homem nomeia o mundo que o cerca e com ele interage. Nomear é, assim, “uma necessidade de organização e de orientação” (ANDRADE; DICK, 2012, p. 198). Igualmente, a nomeação de lugares torna-se uma necessidade, principalmente ao considerar o caráter referencial de um topônimo.

Conforme explicita Dick (1990b), o topônimo assume o valor de fóssil linguístico à medida que se perpetua no tempo, sobrevivendo por gerações. Tratando-se da distância cronológica desde quando se deu o ato denominativo de um lugar, e o apagamento do sentido original do nome, nem sempre é fácil interpretar um topônimo, o que pode exigir longo período de pesquisa. Porém, nesse contexto, o estudo toponímico torna-se valioso, já que permite resgatar aspectos do passado por meio da Toponímia.

Este trabalho está inserido nos estudos toponímicos e segue o viés diacrônico, uma vez que contenha topônimos históricos como objetos de estudo. Trata-se de um recorte do trabalho de Dissertação intitulado “Geomorfotopônimos Históricos” (GOMES, 2019), defendido em 2019 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho teve como objetivo descrever a geomorfotoponímia histórica de Minas Gerais, isto é, segundo a classificação toponímica proposta por Dick (1990a, b), topônimos que apresentam como principal fator motivacional, considerado no ato denominativo, aspectos relacionados às formas de relevo.

Para realizar o estudo, utilizamos o banco de dados do Repositório Digital<sup>36</sup> como fonte de informações e consolidação do *corpus* toponímico. Esse banco de dados é formado por um conjunto de mais de dois mil topônimos<sup>37</sup> coletados em mapas históricos de Minas Gerais, produzidos no período Colonial (1720–1815) e Joanino (1808–1821). Trata-se, pois, de um dos resultados do Projeto intitulado “Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial e Joanino”<sup>38</sup> desenvolvido no Centro de Referência em Cartografia Histórica da UFMG, entre 2014 e 2016.

Considerando os resultados do trabalho de Dissertação, destacamos a produtividade do topônimo “Morro”, verossímil ao contexto histórico em que os mapas foram produzidos, já que as formas de relevo serviram como orientação aos que desbravavam a região, definição de rotas e admiração pelas paisagens da Colônia.

Não é difícil notar o vínculo entre os morros e a configuração do território mineiro, considerando que, ainda hoje, as formas do relevo desenharam seus contornos e compõem paisagens dignas de apreciação. Por meio da Toponímia, portanto, é possível resgatar e preservar a história e cultura mineira, tendo em vista que o topônimo conserva informações que se tornam fonte de conhecimento para a sociedade.

## 2. *Toponímia*

O léxico de uma língua é um conjunto aberto e dinâmico, levando-se em consideração que a todo momento palavras novas surgem, de acordo com as necessidades dos falantes, e outras caem em desuso. A dinamicidade dos falantes é, pois, refletida por meio do léxico e, por isso, ao estudá-lo, é possível acessar informações socioculturais sobre quem o utiliza. De acordo com Biderman:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. (BIDERMAN, 2001, p.179)

---

<sup>36</sup> Santos, Seabra Costa (2017). Disponível em: <http://repositoriotoponomia.com.br/home>. Acesso em: ago. 2021.

<sup>37</sup> Nomeiam acidentes geográficos de natureza humana, tais como vilas e arraiais (os acidentes geográficos correspondem ao período em que os mapas foram produzidos).

<sup>38</sup> Projeto apoiado pelo CNPq Processo nº 408869/2013-5.

Segundo Seabra (2004, p. 34), as unidades lexicais “refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, enquanto recortam o universo em categorias que variam exprimindo visões particulares de mundo”. Desse modo, os estudos lexicais são notáveis, porque possibilitam conhecer a história de uma sociedade.

Integrando os estudos do léxico, a Toponímia está inserida na Onomástica, já que estuda os nomes próprios, porém, tratando-se do estudo toponímico, limita-se aos nomes próprios de lugares. Como apresenta Dick:

O conceito tradicional de Toponímia envolve o significado etimológico do próprio vocábulo (do gr. *Topos*, “lugar” e *onoma*, “nome”), qual seja, o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica, ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.) (DICK, 1990b, p. 119)

Consoante ao que Dick (1990a, b) aponta sobre a toponímia é necessário destacar o vínculo firmado entre o topônimo e o ambiente nomeado. De acordo com Sapir (1961, p. 49): “o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam”. Nesse contexto, ao estudar um topônimo inferimos sobre o ambiente nomeado, considerando a estreita relação entre o nome e o lugar:

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. (DICK, 1990b, p. 47)

Tal relação entre o topônimo e o lugar nomeado permite considerar a presença de um fator motivacional considerado no ato denominativo. Dessa forma, Dick (1990b) estabeleceu um procedimento teórico e metodológico que permite classificar os topônimos em 27 taxonomias, de acordo com os principais fatores motivacionais. A taxa dos geomorfotopônimos, portanto, integra uma das taxonomias propostas por Dick, que fundamenta este trabalho.

Esse procedimento, desenvolvido pela toponimista, é bastante eficaz, tendo em vista a produtividade de trabalhos que o utilizam, tal como as teses de Doutorado que objetivaram o estudo de algumas taxas específicas: a tese intitulada “Hagiotoponímia em Minas Gerais” (Cf. CARVALHO, 2014), que objetivou o estudo toponímico relativo aos nomes de santos e de santas, assim como invocações à Virgem Maria, em território mineiro, e a tese intitulada “Litotoponímia mineira” (Cf. CORDEI-

RO, 2018), que realizou o estudo linguístico e cultural de topônimos de origem mineral no estado mineiro.

Ao contrário das unidades lexicais utilizadas na língua, que acompanham a dinamicidade dos falantes, o topônimo se cristaliza, podendo sobreviver por gerações. Essa característica do topônimo permite considerá-lo como patrimônio imaterial, porque possibilita resgatar informações históricas e culturais que nem sempre correspondem a atual realidade:

Se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990a, p. 22)

Neste estudo, portanto, consideramos esse resgate histórico, principalmente, porque os nossos objetos de estudo pertencem a um banco de dados histórico apresentado, a seguir.

### **3. Projeto “Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino”**

Considerando um período em que conhecer o território, que hoje figura Minas Gerais, era uma necessidade política e administrativa, a produção cartográfica ocupava importante papel como instrumento para alcançar tal objetivo:

Como tais, eles registram informações sobre resultados de ações ou para seu planejamento e são considerados documentos afeitos às estratégias e às táticas políticas e militares, às ações e às decisões administrativas, civis e eclesiásticas etc. Dessa forma, os documentos são cercados de cuidados para a manutenção de sigilo e reserva, a propósito tanto de sua elaboração como de seu uso e conservação. (SANTOS, 2007, p. 55)

Segundo Renger (2007), diante da descoberta das minas, possivelmente, muitos mapas foram produzidos, porém poucos se conservaram: “A maioria dos mapas históricos de Minas Gerais é composta de peças manuscritas e únicas, espalhadas em arquivos brasileiros e portugueses” (RENGER, 2007, p. 111).

Coordenado e organizado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Maria Duarte dos Santos, o projeto intitulado “Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patri-

*mônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino*”, foi desenvolvido no Centro de Referência em Cartografia Histórica (CR-CH), localizado no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), realizado entre o final de 2014 e início de 2016, conforme já informado na introdução deste texto.

O projeto contou com a participação de uma equipe interdisciplinar que permitiu realizar a coleta de mais de dois mil topônimos em 15 mapas, sendo o mapa mais antigo de 1767, anônimo, e o mais recente de 1821, realizado por Eschwege. O acervo cartográfico utilizado representa o território mineiro no período dos Setecentos e dos Oitocentos Colonial e Joanino: 8 mapas da capitania e 7 de suas comarcas. Tais documentos cartográficos pertencem a acervos de museus, de arquivos e bibliotecas no Brasil e em Portugal<sup>39</sup>. Dessarte, os dados foram sistematizados por meio de um banco de dados que explicita informações linguísticas e geográficas sobre os objetos de estudo.

O Repositório de Dados (Cf. SANTOS; SEABRA; COSTA, 2017), constitui um dos resultados do Projeto. Por meio dele, é possível acessar o banco de dados de modo bastante funcional, utilizando o sistema de busca avançada por filtros de pesquisa que, inclusive, facilitou a coleta dos objetos de estudo deste trabalho: os geomorfotopônimos.

Desse modo, como um desdobramento do projeto citado, a escolha por estudar a taxa dos geomorfotopônimos é justificada:

A escolha dos geomorfotopônimos como objeto de pesquisa se deu pela inexistência de um estudo específico dessa taxa em Minas Gerais, principalmente, utilizando como fonte de informação documentos cartográficos históricos, contemplando a perspectiva diacrônica. Justificamos, ainda, por meio dos resultados gerais obtidos no projeto Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino, a taxa dos geomorfotopônimos como uma das mais produtivas dentre as de natureza física, *representando aproximadamente 4% do número total de topônimosque compõem o banco de dados*, ainda que essa produtividade corresponda ao número de ocorrências, no total, e não ao número de bases lexicais (toponímicas). (GOMES, 2019, p. 36-7)

Para Dick (1990a, p. 125), há preferência pelos termos “Morros” e “Montes” em Minas Gerais e, tal afirmação, foi confirmada por meio do trabalho desenvolvido, conforme será apresentado, a seguir.

---

<sup>39</sup> O acervo cartográfico utilizado para realizar o trabalho está disponível no *site* do Repositório Digital: <http://repositoriotoponomia.com.br/home>. Acesso em: ago. 2021.

#### **4. Procedimento metodológico**

Conforme os pressupostos teóricos apresentados nos tópicos anteriores, o trabalho de Dissertação intitulado “Geomorfotopônimos Históricos” teve o respaldo teórico e metodológico de Dick (1990 a,b, 1999, 2006) e Seabra (2004; 2006) sobre a Onomástica e a motivação toponímica e Costa et al. (2002; 2004); Resende e Villalta (2007) sobre a Cartografia Histórica de Minas Gerais e o contexto histórico de consolidação da Capitania mineira. Além disso, utilizamos Santos, Seabra e Costa (2016; 2017) como fonte de informações sobre o Projeto desenvolvido e, inclusive, para ter acesso ao banco de dados em que constam os geomorfotopônimos que compõem o *corpus* da pesquisa.

Por meio do viés diacrônico, portanto, coletamos e analisamos 101 geomorfotopônimos que correspondem a 4% do total de topônimos que integram o bando de dados do Repositório Digital.

Como procedimento teórico e metodológico utilizamos as fichas lexicográficas, que correspondem ao procedimento metodológico desenvolvido por Dick (1990) e adaptado por Seabra (2004). Conforme explicita Seabra (2004, p. 47), “a ficha lexicográfica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo”. É pertinente informar, em relação ao procedimento metodológico utilizado, que adaptações foram realizadas para atender aos objetivos do estudo realizado.

Dessarte, as fichas lexicográficas permitiram apresentar os dados de modo sistemático e organizado, uma vez que explicitam informações linguísticas, históricas e geográficas<sup>40</sup>.

#### **5. A presença do topônimo “Morro” na Toponímia histórica de Minas Gerais**

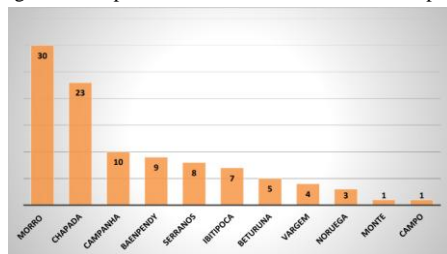
Os 101 geomorfotopônimos coletados e apresentados de modo descritivo por meio de fichas lexicográficas foram analisados quantitativa e qualitativamente. Dessa forma, considerando os resultados verificados, destacamos a produtividade de geomorfotopônimos formados pelo termo “Morro” e “Morrinhos”, principalmente, na Comarca do Sabará, região bastante povoada no período dos Setecentos.

---

<sup>40</sup> Recomendamos consultar o trabalho (GOMES, 2019, p. 87) para verificar o modelo de ficha lexicográfica utilizado.

Esse resultado é compreensível ao considerarmos que os morros orientavam os bandeirantes, sertanistas e índios, pelos sertões, no período de povoamento da região. Tais resultados são explicitados por meio dos seguintes gráficos:

Figura 01: Os geomorfotopônimos históricos de Minas Gerais por base toponímica.



Fonte: Gomes (2019, p. 168).

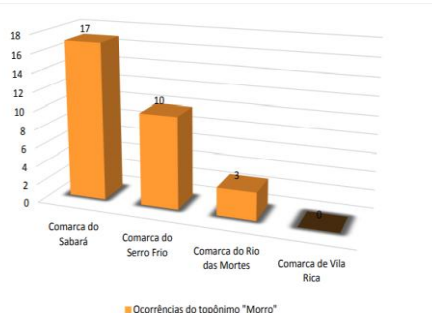
Torna-se necessário esclarecer que os 15 mapas que compõem o acervo cartográfico, utilizado para realizar o trabalho, correspondem à representação do mesmo território. Portanto, apesar do topônimo “Chapada” ter revelado um número significativo, é necessário esclarecer que essas 23 ocorrências se referem a apenas duas localidades que atualmente designam “Chapada do Norte” e “São João da Chapada” e, também, ao Registro/Guarda militar/Destacamento/Posto Real no período de produção dos mapas analisados.

Em relação ao topônimo “Morro”, ao contrário, as 29 ocorrências referem-se a várias localidades: “Morro do Xapeo” (atual “Santana dos Montes”); “Morrinhos” (atual “Arinos”); “Morrinhos” (atual “Matias Cardoso”); “Morro da Garça”, “Morro de Mateu Leme” (atual “Mateus Leme”); “Morro Grande” (atual “Barão de Cocais”); “Morro Vermelho” e “Morro do Pillar”.

Nesse cenário, o topônimo “Morro” revela-se como o mais produtivo no território mineiro no período dos Setecentos e Oitocentos Colonial e Joanino, de acordo com os dados analisados no trabalho (Cf. GOMES, 2019).



Figura 02: Distribuição do geomorfotopônimo “Morro” na Capitania de Minas Gerais.



Fonte: Gomes (2019, p. 171).

Tratando-se desse resultado, em particular, o interesse por apresentar este recorte do trabalho, justifica-se, principalmente, ao considerar a análise da variação e mudança toponímica, considerando, pois, substituições totais na nomeação. Dessarte, o estudo permite conhecer parte da história mineira conservada por meio da Toponímia.

Verificamos maior número de variação e mudança espontânea, compreendendo 42% cada fenômeno. Porém, em relação ao topônimo “Morro”, identificamos substituições totais que reafirmam a importância do resgate do topônimo histórico. Apesar da permanência dos topônimos “Morro da Garça”, “Morro Vermelho” e “Morro do Pilar”, os outros geomorfotopônimos sofreram mudanças.

Tratando-se, assim, de mudanças sistemáticas, que correspondem a homenagens, o antigo topônimo “Morrinhos” corresponde ao atual “Arinos<sup>41</sup>” – homenagem ao escritor mineiro Afonso Arinos de Melo Franco<sup>42</sup>. Em relação ao outro topônimo “Morrinhos”, atual “Matias Cardoso”, Joaquim Ribeiro Costa (1997) informa que o topônimo atual<sup>43</sup> é homenagem ao fundador do arraial, Matias Cardoso.

Citamos, também, o topônimo “Morro Grande” que, atualmente, segue figurando como “Barão de Cocais”<sup>44</sup>, tratando-se, portanto, de uma homenagem a José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, “Barão de Cocais e

<sup>41</sup> Por meio da Lei nº 843, de 7 de setembro de 1923.

<sup>42</sup> Conforme apresenta Costa (1997, p.107).

<sup>43</sup> Por meio da Lei nº 843, de 7/9/1923.

<sup>44</sup> A alteração do nome para *Barão de Cocais*, como seguiu figurando, deu-se em 1943, por meio do decreto-lei nº 1058 (31/12/1943).

um dos vultos da Revolução de 1842”, como explica Joaquim Ribeiro Costa (1997).

Ainda que o topônimo “Morro Grande” tenha sido totalmente substituído, o resgate desse topônimo histórico mostra, claramente, a presença de um morro que se destacava na paisagem e, portanto, marcou presença no local nomeado:

Nos princípios do século XVIII, alguns sertanistas se deslocaram pelo sertão a dentro, na ânsia de encontrar novas minas e, no local a que chamaram Macacos, acharam boa tinta. Aí edificaram suas casas e fizeram suas roças. Uma capela foi logo construída, sob invocação de S. João Batista. **O local ficava no sopé de um morro muito grande, extenso**, assim, o arraial passou a ser designado como São João Batista do Morro Grande. A denominação de São João Batista do Morro Grande, aos poucos, passou a São João do Morro Grande; e foi reduzida a Morro Grande, pelo decreto-lei n° 148, de 17 de dezembro de 1938, quando ainda era distrito de Santa Bárbara. (BARBOSA, 1995, p. 41-2) (Grifo nosso)

O estudo toponímico torna-se valioso, tendo em vista que o topônimo reflete a história de um lugar. Em relação ao topônimo “Morro”, constatamos a verossimilhança com o contexto do período Colonial:

Tratava-se de um período de povoação do território que hoje figura como “Minas Gerais”. Por ser uma região que estava em processo de ocupação, uma vez que o “sertão” apresentava ainda terras pouco exploradas, alguns traços do relevo, assim como os rios, serviam como orientação aos sertanistas, aos bandeirantes e, antes deles, aos índios. Os morros eram, muitas vezes, importantes referências nas rotas e caminhos que abriam. Conforme apresentamos no campo intitulado “Informações enciclopédicas” da ficha do topônimo histórico “Morro do Xapeo”, apresenta Souza (2004, p.221) em relação ao topônimo citado: “[...] queria dizer morro de ver o caminho, isto é, de onde os bandeirantes, sertanistas ou índios, se orientavam em rumo de qualquer parte do sertão”. Essas considerações revelam a relação entre o topônimo e o ambiente nomeado, o que inclui, também, o contexto vivenciado na provável época da nomeação. Refletem, pois, a realidade de mundo vivenciada por um povo em determinada época. (GOMES, 2019, p. 170)

As ocorrências do topônimo “Morro” são apresentadas por meio do seguinte quadro:

Figura 03: Ocorrências do topônimo “Morro”.

| Topônimo             | Ocorrências | Comarca        |
|----------------------|-------------|----------------|
| Morro do Xapeo       | 2           | Rio das Mortes |
| Morro do Chapéo      | 1           | Rio das Mortes |
| Morro da Garça       | 1           | Sabará         |
| Morro de Mateu Lemes | 1           | Sabará         |
| Morro Grande         | 2           | Sabará         |

|                             |           |                           |
|-----------------------------|-----------|---------------------------|
| Morro Gr <sup>de</sup>      | 1         | Sabará                    |
| Morro Vermelho              | 5         | Sabará                    |
| Morro Verm. <sup>o</sup>    | 3         | Sabará                    |
| Morro do Pillar             | 1         | Serro Frio                |
| Morrinhos                   | 13        | Sabará (4) Serro Frio (9) |
| <b>Total de ocorrências</b> | <b>30</b> |                           |

Fonte: Gomes (2019, p. 166).

O mapa, a seguir, ilustra a presença de alguns geomorfotopônimos, inclusive, formados pelo designativo “Morro”, na Capitania mineira:

Figura 04: Geomorfotopônimos na Capitania de Minas Gerais: mapa de Rocha (1777a).



Fonte: GOMES, 2019, p. 161.

## 6. Considerações finais

É pertinente explicitar que, tratando-se de um recorte do trabalho de Dissertação, aqui apresentamos alguns resultados relacionados ao tema proposto deste recorte: a presença do topônimo “Morro” na toponímia histórica de Minas Gerais. Desse modo, salientamos a necessidade de leitura do trabalho para ter conhecimento de todos os resultados verificados por meio do estudo realizado.

Ao longo das gerações, alguns topônimos são substituídos por outros e, por isso, resgatar os topônimos históricos, interpretando-os adequadamente por meio do estudo toponímico, permite acessar informações que correspondem à realidade de mundo vivenciada por um povo em determinada época. Esse resgate foi evidenciado por meio do geomorfotopônimo histórico “Morro Grande”, por exemplo.

Estudar a geomorfotoponímia histórica de Minas Gerais permitiu reconhecer a importância de preservar os nomes primitivos na toponímia para consolidar a história e cultura local.

A presença produtiva do topônimo “Morro” preserva a história mineira desde o período de povoamento de Minas Gerais, revelando, pois, a sua importância. De fato, não é difícil notar a presença dos morros nas paisagens de Minas Gerais. Essas formas da topografia física são, ainda hoje, fontes de apreciação e importantes pontos de orientação. Desse modo, o estudo realizado reafirma o vínculo firmado entre o topônimo e o ambiente nomeado, assim como a presença de um fator que motivou a escolha do nome.

Diante das considerações apresentadas neste trabalho, somando-se aos estudos toponímicos realizados, esperamos, pois, ter oferecido maior conhecimento histórico e cultural sobre Minas Gerais refletidos por meio da toponímia mineira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos; DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A interdisciplinaridade no contexto da toponímia: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: ISQUERDO, A.N; SEABRA, M.C.T.C. de. (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VI. Campo Grande-MS: UFMS, 2012. p. 193-207

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. 822f. Disponível em: <http://150.164.100.248/poslin/defesas/1480D.pdf>. Acesso em: ago. 2021.

CORDEIRO, Maryelle Joelma. *Litotoponímia mineira*. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. 535f. Disponível em <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1556D.pdf>. Acesso em: ago. 2021.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.

\_\_\_\_\_. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/ USP, 1990b.

\_\_\_\_\_. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: \_\_\_\_\_. *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*. Recife: UFPE, 1999. p. 119-48

\_\_\_\_\_. Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (Variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M.C.T.C. de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 91-117

COSTA, Antônio Gilberto *et al.* *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cartografia da Conquista do território das Minas*. Belo Horizonte; Lisboa: UFMG, 2004.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais: com Estudo Histórico da Divisão Territorial Administrativa*. 2. ed. Belo Horizonte: BDMG cultural, 1997.

GOMES, Marianna de Franco. *Geomorfotopônimos Históricos*. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1993M.pdf>. Acesso em: ago. 2021.

RENGER, Friedrich. E. Primórdios da cartografia das Minas gerais (1585-1735): dos mitos aos fatos. In: RESENDE, M.E.L.; VILLALTA, L.C. (Orgs). *História de Minas Gerais: As minas setecentistas 1*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 103-26

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. Itinerários e interditos na territorialização das Geraes. In: RESENDE, M.E.L.; VILLALTA, L.C. (Orgs). *História de Minas Gerais: As minas setecentistas 1*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 25-53

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Técnicas e elementos da cartografia da América portuguesa e do Brasil Império. *Roteiro prático de cartogra-*

*fia*: da América portuguesa ao Brasil Império. COSTA, Antônio Gilberto (Org.) Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 51-81

SANTOS, M. M. D. dos; SEABRA, M. C. T. C. de; COSTA, A. G. (Org.). *Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas*. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG), 2017. Disponível em: <http://repositoriotoponimia.com.br/home>. Acesso em: ago. 2021.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência – Ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Tese (Doutorado, Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. 368f. (2 v.)

\_\_\_\_\_. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES J.S.D., TRAVAGLIA, L.C. (Orgs). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. v. 1. Uberlândia-MG. EDUFU, 2006. p. 1953-60